

Igor Manoel Medeiros Terra

# **CORREDORES DE RUA, CONSUMO E TEORIA DA PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido a Faculdade de Educação  
Física da Universidade de Brasília para  
obtenção de título de licenciado em  
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Américo  
Pierangeli Costa

Brasília  
2018

## **Resumo**

A prática de corrida de rua hoje em dia é acessível e simples, comparada a outras práticas de exercícios físicos. Ao longo do tempo as corridas de rua passaram a compreender um fenômeno relevante para a sociedade, movimentando números expressivos de pessoas, recursos e aportes financeiros, influenciando a economia, o turismo, a indústria de produtos e serviços ligados à saúde, vestuário e outros. O corredor como consumidor da corrida e de suas vertentes e adjacências, se apresenta como integrante de um grande grupo social. A teoria da prática direcionada para o estudo do consumo relaciona a prática como elemento central das relações sociais constituídas por rotinas e elementos que são criados, alterados ou deletados de acordo com o comportamento dos indivíduos. Esta pesquisa teve por objetivo compreender o comportamento de consumo do corredor de rua utilizando a teoria da prática. De acordo com os pressupostos teóricos, buscou-se o entendimento do consumo com base nas rotinas dos indivíduos. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com a utilização de um roteiro aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As entrevistas foram transcritas e digitalizadas para o software de análise qualitativa Dedoose versão 7.6.6. Aplicou-se a análise de conteúdo dos dados com grade fixa de categorias baseadas nos elementos das práticas. Dentre 11 categorias, a que mais evidenciou o consumo de produtos e serviços foi a “objetos, apropriações e suas utilizações”. Observou-se que grande parte dos entrevistados consomem os serviços ligados à musculação como complemento da preparação para as corridas de rua. O produto mais citado foi o tênis de corrida seguido das roupas esportivas. Serviços ligados a preparação física como treinamento funcional e pilates também foram citados. A corrida de rua compõe um importante núcleo de rotinas dentro das agendas de seus praticantes. Os corredores parecem agregar elementos em seu cotidiano em função desta atividade, que aparenta ser o núcleo de rotinas que visam complementá-la. Portanto conclui-se que a corrida de rua representa um núcleo de rotinas que levam a momentos de consumo. A compra do tênis, a prática de atividades complementares como a musculação, o pilates, o treinamento funcional e viagens são rotinas complementares da preparação e participação em provas de corridas de rua. No mesmo sentido, as rotinas de atuação nas corridas compõem também um grande universo virtual de postagens de fotos e esquemas de treinamentos. Estas postagens levam os corredores a posição de atores como protagonistas de histórias carregadas de significados que podem contribuir para o entendimento do consumo que permeia as corridas de rua.

**Palavras-chave:** Corrida de rua. Teoria da Prática.

## SUMÁRIO

<i>Introdução</i> .....	1
<i>A Teoria da prática</i> .....	4
<i>Procedimentos metodológicos</i> .....	8
<i>Categorias de Análise</i> .....	12
Conhecimento, entendimentos e aprendizados.....	12
Atividades mentais .....	13
Estados emocionais.....	14
Conhecimento motivacional .....	14
Engajamento.....	15
Hierarquias .....	16
Interseções .....	16
Atividades Corporais.....	16
Representações (Atuações).....	17
Objetos, apropriações e utilizações .....	18
Trajetória .....	20
<i>Análise das Coocorrências</i> .....	21
Análise dos Resultados da Coocorrências .....	22
Coocorrências com os objetos, apropriações e utilizações.....	24
Coocorrências com as atividades corporais.....	25
Coocorrências com as atividades mentais.....	25
Coocorrências com conhecimento, entendimentos e aprendizados .....	25
Coocorrências com as representações e atuações .....	26
Coocorrências com o conhecimento motivacional.....	26
Coocorrências com o engajamento .....	27
Coocorrências com as hierarquias.....	27
Coocorrências com a trajetória .....	28
Coocorrências com as interseções .....	28
Coocorrências com a categoria estados mentais.....	29
<i>Discussão</i> .....	29
<i>Considerações Finais</i> .....	30
<i>Referências</i> .....	31
<i>Apêndices</i> .....	34

<b>Carta de Apresentação de Pesquisa .....</b>	<b>34</b>
<b>Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa .....</b>	<b>35</b>
<b>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Entrevista) .....</b>	<b>36</b>

## **Introdução**

A prática de corrida de rua hoje em dia é acessível e simples, comparada a outras práticas de exercícios físicos. Ao longo do tempo, as corridas de rua passaram a compreender um fenômeno relevante para a sociedade, movimentando números expressivos de pessoas, recursos e aportes financeiros. Influencia a economia, o turismo, a indústria de produtos e serviços ligados à saúde, vestuário, alimentação e outros. O corredor como consumidor da corrida e de suas vertentes e adjacências, se apresenta como integrante de um grande grupo social.

A corrida de rua, hoje em dia, tem ganhado grande participação popular. Porém as pesquisas científicas têm privilegiado aspectos biológicos e de desempenho em corredores de alto desempenho, o que não supre a necessidade de entendimento do público que mais pratica o esporte nos dias de hoje. “Resultados de investigações com corredores de alto nível de longa distância não podem ser inteiramente aplicáveis à grande massa de corredores, que representa grande aporte dos participantes das corridas de rua” (PAZIN et al, 2008).

Embora pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (2012) indique que metade da população brasileira (49,2%) não pratica atividades físicas regulares – enquanto a média mundial de inativos é de 31% – houve um aumento na adesão aos exercícios nos últimos anos. Entre os brasileiros que costumam praticar atividades físicas, 28% fazem caminhadas ou corrida, 13% futebol, 6% musculação, 4% ciclismo, 2% natação ou hidroginástica, 1% vôlei, handebol ou basquete, 1% ginástica aeróbica, 1% alongamento e 1% artes marciais, (KNUTH, 2008). Sabendo da grande aderência, porém ainda não suficiente, do público a corrida de rua, entende-se que tal fenômeno se explica devido a recomendação da prática de atividade física para se obter saúde, por diversas áreas do conhecimento e meios de comunicação.

A atenção à saúde, em seus mais diversos âmbitos, é uma das justificativas também citada por COSTA (2016) em “[...] as percepções sobre a corrida de rua estão associadas positivamente a aspectos subjetivos, como a melhores condições emocionais, aspectos ligados à superação pessoal que são transferidos para outras rotinas.”. Essa justificativa, portanto, pode ser aproximada a objetivos externos, como objetivos profissionais ou pessoais não diretamente ligados a saúde.

Em meados da década de 1970, a prática de corridas passou a ter um caráter associado à saúde tendo como marco o trabalho realizado pelo médico americano Kenneth Cooper. O método de prática de exercício e teste de aptidão desenvolvidos pelo médico impulsionaram a prática dessa modalidade dentre a população que buscava melhor qualidade de vida, influenciando a disseminação por outros países (COSTA, 2016).

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) discutida por Knuth em 2008 com 292.553 indivíduos com 14 anos ou mais. Que discutiu a prática de atividade física e sedentarismo em brasileiros, apresentou que o número de indivíduos classificados como ativos no lazer foi exatamente a mesma daqueles considerados ativos no deslocamento, correspondendo a 10,5% da população. Ainda dentro desta pesquisa, aproximadamente um quinto da população (20,2%) relatou não praticar nenhuma atividade física, seja no trabalho, lazer, deslocamento ou domicílio.

Compreende-se, portanto, através dos resultados acima citados que quase metade da amostra não se relaciona com a atividade física ou restringe este relacionamento somente a momentos de lazer ou é induzido a praticar tais atividades através do deslocamento rotineiro, confirmando os resultados da pesquisa da Sociedade Brasileira de Cardiologia apresentada parágrafos acima. Fica evidente e justificada a necessidade de atenção da população e suas organizações para a atenção à saúde e suas práticas.

Por outro lado, diversas pessoas têm buscado assumir a responsabilidade e começado a investir esforços na prática de atividades físicas. Através desse movimento encontra-se diversas práticas de organizações que buscam motivar, sustentar e colaborar com certas práticas. Entre elas, a organização de corridas de rua, produtos e serviços, em especial e atividades complementares à corrida de rua.

O número de participantes nas corridas de rua no Brasil e no mundo passaram por um período de grande crescimento. Isso ocorreu devido a alguns fatores como a busca por sair do sedentarismo, participar de algum grupo, seguir recomendações médicas ou perder peso (FONSECA, 2012).

O grande crescimento das corridas de rua nos últimos anos teve por consequência o significativo aumento do número de atletas amadores. Isso gerou uma substancial mudança na organização das provas (FONSECA, 2012).

A modalidade se destaca por alcançar diferentes públicos que se transformam em corredores em pouco tempo. A atividade proporciona fácil acesso para todas as classes sociais e favorece a prática, pela pouca dependência de equipamentos ou ambientes específicos e controlados (COSTA, 2016).

Entretanto, um estudo de Pazin (2008) com 604 corredores de rua, com idade entre 20 e 72 anos, que participaram de provas organizadas em Santa Catarina, no ano de 2006 um percentual de 46,8% praticavam adicionalmente outro exercício físico, sendo as modalidades

mais praticadas o ciclismo, a natação e a musculação. Esclarecendo que a corrida de rua também está atrelada a práticas adjacentes.

Junto ao crescimento dos corredores, as atividades complementares que figuram práticas destes indivíduos têm crescido de maneira exponencial. Veja quadro.

Quadro 1

Corridas Regulares e Irregulares de 2009 a 2014		
Ano	Regulares	Irregulares
2009	240	61
2010	287	87
2011	298	125
2012	311	182
2013	323	179
2014	361	237
Total	1820	871

Fonte: Federação Paulista de Atletismo (2014)

Estima-se que no estado de São Paulo, existe em número excessivo de eventos voltado para estes praticantes, como cita Dudziak (2015) através da entrevista com Manuel Arroyo, diretor técnico da Yescom, organizadora de provas como a São Silvestre e Maratona de São Paulo. “[...]é difícil arranjar datas para a realização dos eventos na capital paulista. Nós já temos, pelo menos, quatro corridas por final de semana em São Paulo.”

Nos últimos anos, a prática cresceu muito ao deixar de ser um esporte individual para pessoas com perfil atlético e obsessão por resultados. A corrida promove hoje o encontro de quem busca uma vida mais saudável e não quer apenas competir, mas também participar e fazer um *selfie*<sup>1</sup> na linha de chegada, (CARPANEZ, 2017).

O corredor como consumidor da corrida e de suas vertentes e adjacências, se apresenta como integrante de um grande grupo social. É interessante a caracterização dos corredores neste trecho de Rosa (2013):

*“Acredito que para muitos corredores os eventos encerram um ciclo e iniciam outro. Eles demarcam objetivos. A preparação para as provas nada mais é do que um grande reservatório. O corredor treina pra aumentar o fôlego, malha pra ficar mais forte, alimenta-se pra estocar energia e concentra-se para que, no dia, nada o derrube. Comparo a largada de uma prova de corrida à abertura das comportas de uma represa. Estão ali prontos para se esparramarem desejos que vão do festejar ao desempenhar. Para alguns apenas a participação, para outros, a performance.”*

<sup>1</sup> *Selfie* é uma fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma (autorretrato). Fonte: Wikipédia.

A partir destas percepções, pode-se perceber nessa prática situações de relevância social, descrevendo como a corrida pode auxiliar no controle de endemias, promoção da saúde, com evidências para doenças crônicas não transmissíveis, doenças psicossomáticas, entre outras.

De acordo com SANTOS (2004):

*“...vários estudos têm associado à prática de exercícios físicos, bem como níveis aumentados de atividade física, com a redução dos riscos de morbidade e mortalidade por todas as causas, bem como no controle de fatores de risco como: hipertensão arterial, alto nível de lipídios sanguíneos, resistência elevada à insulina, obesidade, baixa resistência ao estresse, depressão emocional leve e moderada, bem como dor somática”.*

Praticantes da corrida de rua se beneficiam da melhora da aptidão física, da condição emocional, de diversas condições funcionais e sociais (TRUCCOLO et al., 2008).

Adicionalmente HARGREAVES (2011) aponta para as deficiências das análises que focam apenas em práticas isoladas (por exemplo, a análise de Shove e Pantzar (2005) sobre o *Nordic walking*) negligenciando assim, conexões, alianças e conflitos entre práticas. O autor sugere então, que os estudos considerem esferas específicas da vida cotidiana, como domicílios ou ambientes de trabalho, como “arenas empíricas nas quais estudar os desempenhos e negociações de um grupo inteiro de práticas”, (HARGREAVES, 2011, pp. 95-96).

Compreender melhor o fenômeno das corridas de rua, uma vez que parte do pressuposto de que as rotinas das pessoas balizam seus comportamentos e, por conseguinte, consumo. A teoria da prática proposta por WARDE (2005) como forma de entendimento do consumo parece subsidiar o fenômeno mais complexo como as corridas de rua. Por meio dessa teoria, assume-se as corridas como uma espécie de esfera social. E agrega-se a esta esfera elementos, práticas integradas e organizações que nos auxilia na compreensão de como o consumo acontece.

Descreve-se no próximo capítulo o corpo teórico que propôs a aplicação dos pressupostos da teoria da prática a estudos de fenômenos de consumo.

## **A Teoria da prática**

A teoria das práticas sociais como forma de estudar o consumo resgata a prática como um elemento central ao se observar as relações sociais que são constituídas por rotinas e elementos que vão sendo mantidos, reconfigurados e até mesmo extintos de acordo com o comportamento das pessoas (SCHATZKI; CETINA; VONSAVIGNY, 2001). Esta pesquisa teve por objetivo compreender o comportamento de consumo do corredor de rua utilizando a teoria da prática.



O relacionamento do corredor de rua com a prática gera momentos de consumo em suas representações:

*“Encaro a corrida como uma atividade repleta de contradições. Um esporte essencialmente individual, mas que mobiliza grupos. Uma prática que na teoria é simples e democrática, exigindo apenas um calçado adequado e vontade de sair às ruas, mas para a qual foram criados e são consumidos diversos produtos.” (Rosa, 2013)*

As práticas e a organização na rotina dos praticantes promovem os momentos de consumo, onde por meio deste é possível o entender do caminhar mercadológico e decisões que o compõe (BORELLI, 2012; SHOVE, 2005; WARDE, 2005).

A aplicação da teoria da prática como forma de estudar o consumo foi proposta por WARDE (2005) através de seu trabalho publicado no *Journal of Consumer Culture* (JCC) denominado *Consumption and Theories of Practice*. Sendo reforçada por autores que defendem sua aplicação uma vez que o consumo se encontra associado às áreas de estudos organizacionais e até mesmo em áreas como tecnologia, serviços públicos, sustentabilidade, dentre outros. E ainda sim pouco desenvolvidas no tocante a estudos em marketing e comportamento do consumidor (ARAUJO et al, 2008; HALKIER et al., 2011).

Grande parte dos estudos que utilizaram a teoria da prática abordaram temas ou objetos de pesquisa relacionados à alimentação (BUGGE; ALMAS, 2006; HAND; SHOVE, 2007; TRUNINGER, 2011; CRIVITS; PAREDIS, 2013; PLESSZ et al., 2014). Entretanto a teoria da prática associada ao consumo foi aplicada em diferentes campos empíricos como o consumo de música ou práticas relacionadas a artesanato e manutenção de objetos (WATSON; SHOVE, 2008; MAGAUDDA, 2011).

Ressalta-se que as práticas corporais se aproximam de aspectos relevantes para o estudo e aplicação destas teorias. Um estudo que teve por campo empírico a caminhada nórdica revelou que diferentes percepções desta prática fizeram com que ela fosse bem aceita em alguns países e em outros não (SHOVE, 2005).

Dessa forma, a compreensão da prática de corridas de rua pode contribuir para a discussão da utilização da teoria da prática no estudo do consumo, bem como podem colaborar para o entendimento de práticas ligadas à atividade física, uma vez que corridas de rua é a segunda atividade mais praticada no Brasil em número de praticantes (CORPORE, 2014).

A teoria da prática como forma de entendimento do consumo apresenta desafios do ponto de vista metodológico e da diversificação de campos empíricos. Os desafios apresentam-se no sentido do amadurecimento de sua aplicação em estudos científicos. Os modelos teóricos baseados nesta perspectiva não são numerosos. Tais lacunas, metodológica e teórica somadas ao campo empírico complexo das corridas de rua motivaram a construção deste trabalho.

Após investigações em torno do tema consumo de praticantes de corrida, se verificou a partir das conclusões de COSTA (2016) que tal objetivo de pesquisa pode ser desenvolvido a partir de diversos pontos de vista, cabendo ser pesquisado e estudado sob fontes óticas diferentes que se relacionam e enriquecem a discussão acerca do tema.

Dando continuidade ao pensamento de COSTA (2016), baseia-se esse pressuposto na consideração de que o fenômeno corrida de rua se constitui por um conjunto de rotinas como as de seu próprio desempenho, as rotinas de preparação, as rotinas de disputa ou de participação em eventos competitivos e as rotinas de outras práticas, sendo a corrida de rua uma espécie de núcleo, prática central que concentra rotinas variadas de preparação, desempenho e disputas.

No trabalho em questão compreende-se o tema como de relevância para a academia e o mercado, justificado nos capítulos introdutórios. Ademais, trata-se de um estudo capaz de ser executado segundo a metodologia apresentada no capítulo 2. Em relação ao aspecto novidade, o trabalho dá continuidade à tese de doutorado com o tema correlato e contribui para compreensão das práticas de consumo dos corredores de rua, constituindo assim uma oportunidade e fonte de estudos para pesquisas futuras e compressões mais aprimoradas.

Pesquisa motivada pelo hábito de consumo frequente e em grande evolução dos corredores de rua. Este consumo influenciado tanto pelo mercado, pela necessidade de monitoramento ou conforto da atividade, quanto pela influência do grupo, amigos, empresas, marketing e outros. Talvez pela simples aparência e luxo ou preocupação com a mensuração do desempenho entre pares. Buscando a compreensão de configurações temporárias de práticas de consumo, este trabalho busca agregar ao campo de pesquisa relacionado ao consumo.

Ao invés de considerar os indivíduos como “escolhedores soberanos”, segundo WARDE (2005, p. 146), o consumidor deixa de ser o foco central, que é deslocado para “a organização da prática” e “os momentos de consumo” que estas práticas implicam (WARDE, 2005, p. 146).

Ao transferir o foco das ciências sociais para as práticas geradas pelas interações entre indivíduos e estruturas sociais, a teoria da prática oferece uma nova forma de entender o mundo e, portanto, o consumo e os consumidores. RECKWITZ (2002) vai mais longe, afirmando que

a prática é “uma forma rotineira em que os corpos são movidos, os objetos são manipulados, os indivíduos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é entendido” (p. 250).

Sua bastante citada definição de práticas é uma boa maneira de introduzir os componentes das práticas:

*“A prática (...) é um tipo de comportamento rotinizado que consiste de vários elementos, interligados uns aos outros: formas de atividades corporais, formas de atividades mentais, ‘coisas’ e seu uso, conhecimento prévio na forma de entendimento, know-how, estados de emoção e conhecimento motivacional. Uma prática – uma maneira de cozinhar, de consumir, de trabalhar, de investigar, de cuidar de si ou dos outros, etc. – constitui, por assim dizer um ‘bloco’, cuja existência depende necessariamente da existência e interconectividade específica destes elementos, e que não pode ser reduzido a qualquer um destes elementos individuais.” (RECKWITZ, 2002, p. 249-250)*

A citação de RECKWITZ (2002) sugere que as práticas são compostas de rotinas corporais e mentais, coisas e conhecimento – o que inclui entendimentos, “formas de querer e de sentir” e formas de “compreender o mundo” (p. 253).

Isto é, atividades e momentos de consumo originam-se no desempenho de práticas – sua origem não está, portanto, relacionada a motivos ou escolhas individuais, nem a estruturais culturais (WARDE, 2005; HARGREAVES, 2011). É a participação em uma prática que explica o consumo. Assim, o consumo não é encarado como uma prática, mas como “um momento em quase todas as práticas” (WARDE, 2005, p.137).

Nesta visão, a satisfação de desejos está relacionada não ao consumo, mas às práticas e ao seu bom desempenho. O consumo simplesmente contribui para a obtenção de uma variedade de recompensas associadas à prática (WARDE, 2005). O consumo segundo o mesmo autor permeia diversas práticas por ser encarado com um momento dentro da mesma, no caso momentos que se repetem ou não e se conectam entre as práticas.

A linha de pensamento de RECKWITZ (2002) quando cita o “ponto singular de cruzamento de práticas”, trás um pouco desse entendimento sobre a coocorrência das práticas e os momentos de consumo dentro da prática. RECKWITZ (2002) correlaciona prática e seus componentes, como cita BORELLI (2012):

*Enquanto “portador de práticas”, o indivíduo é também portador de seus componentes e conexões, portanto, portador de formas rotinizadas de comportamento corporal, de entendimento, de know-how, de sentir ou querer (RECKWITZ, 2002, p. 250).*

Partindo desse pretexto, BORELLI (2012) parafraseando WARDE (2005) conclui que pode ser interessante utilizar a abordagem da teoria da prática e não somente a análise individual para estudar e entender o consumo. Porque sendo o indivíduo ponto comum entre as práticas e seus componentes podendo orientar ao consumo, origina-se uma nova perspectiva sobre o comportamento do consumidor. Uma nova forma de entender o consumo e os consumidores, praticantes.

Nesse sentido, procura-se, no próximo tópico, descrever os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa.

### **Procedimentos metodológicos**

A presente pesquisa é de natureza exploratória e para tal adotou-se como paradigma, a abordagem qualitativa quanto à sua organização e análise. Pretendeu-se com esta incursão desenvolver um entendimento diferenciado do consumo tendo por base a teoria da prática que assume o consumo como resultante de ações rotineiras.

A pesquisa se fundamenta na base da interpretação mais densa e qualificada do consumo de corredores de rua a partir de suas práticas. A pesquisa qualitativa trata de uma descrição em profundidade considerando a interconexão entre a análise do comportamento e do sentido (LIMA, 1999).

Este se configura um estudo qualitativo, com o uso da técnica de entrevistas em profundidade. como orienta BARDIN (2011) esta técnica permite a análise de forma ampla e profunda dos tópicos de interesse a partir das posições individuais sobre o assunto em questão.

A amostra foi selecionada por conveniência do pesquisador que possuía contato com diversos corredores de rua residentes em Brasília. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com a utilização de um roteiro aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília com o CAAE: 55505616.0.0000.0030. Foi apresentado a todos os participantes um termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa e um termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE. Após a leitura e concordância com os termos dava-se início à gravação das respostas referentes as questões induzidas pelo pesquisador.

Dessa forma, a coleta do material analisado foi realizada em 5 dias, no período da manhã em 2 parques de Brasília que compõem os locais de maior aglomeração de praticantes de corrida de rua no estado. Foram realizadas 9 entrevistas em profundidade com indivíduos com

diferentes características sócio-demográficas. Os dados foram registrados, transcritos e arquivados em arquivos digitais de texto de acordo com a data.

Após a coleta de dados, procedeu-se à técnica de análise de conteúdo. Para BARDIN (2011), este método pode ser utilizado para a análise de documentos. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas, um leque de recursos adaptável a um campo de aplicação vasto que são as comunicações. Segundo BARDIN (2011), “qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo”.

A análise de conteúdo pode ser feita a partir da categorização de objetivos de pesquisas, e assim orientar sua execução e interpretação. Entretanto historicamente estes têm sido definidos em seis passos, levando em consideração os aspectos intrínsecos da matéria prima desta análise, do contexto a que as pesquisas se referem e das inferências pretendidas. Esta classificação se baseia numa definição que este caracteriza a comunicação a partir de seis questões: 1) Quem fala? 2) Para dizer o que? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com que finalidade? 6) Com que resultados? Utilizando esta definição podemos categorizar os objetivos da análise de conteúdo de acordo com a orientação que toma em relação a estas seis questões. (MORAES, 1999).

Compreendendo as questões que podem envolver uma análise de conteúdo, buscou-se neste trabalho se manter focado em duas questões centrais, sendo os entrevistados olhados e interpretados pela ótica de “quem fala?” e “para dizer o quê?”. Contendo suas definições explicadas a seguir.

E segundo o mesmo autor, quando uma pesquisa utilizando análise de conteúdo se dirige à questão “para dizer o quê?”, o estudo é orientado para as características da mensagem propriamente dita, seu valor informacional, as palavras, argumentos e ideias nela expressos. É o que constitui uma análise temática, (MORAES, 1999). Dentro desta, os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns.

Nesta mesma perspectiva, BARDIN (2011) complementa descrevendo que sendo a unidade de registro a mesma unidade de significação codificada, corresponde assim ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e/ou a contagem frequencial para fins de análise.

A coocorrência pode ser entendida como a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto. Já a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro, e corresponde ao segmento da mensagem

cujas dimensões (superiores às da unidade de registro), são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro (BARDIN, 2011).

Segundo VERGARA (2015), um dos passos da análise de conteúdo é a definição do tipo de grade para análise entre os tipos: fechada, aberta e mista. Na grade fechada definem-se de forma preliminar as categorias de análise e, durante a análise do material, os recortes são atribuídos às categorias predeterminadas. Já na utilização da grade aberta, identificam-se categorias de análise conforme os recortes são agrupados pelo pesquisador.

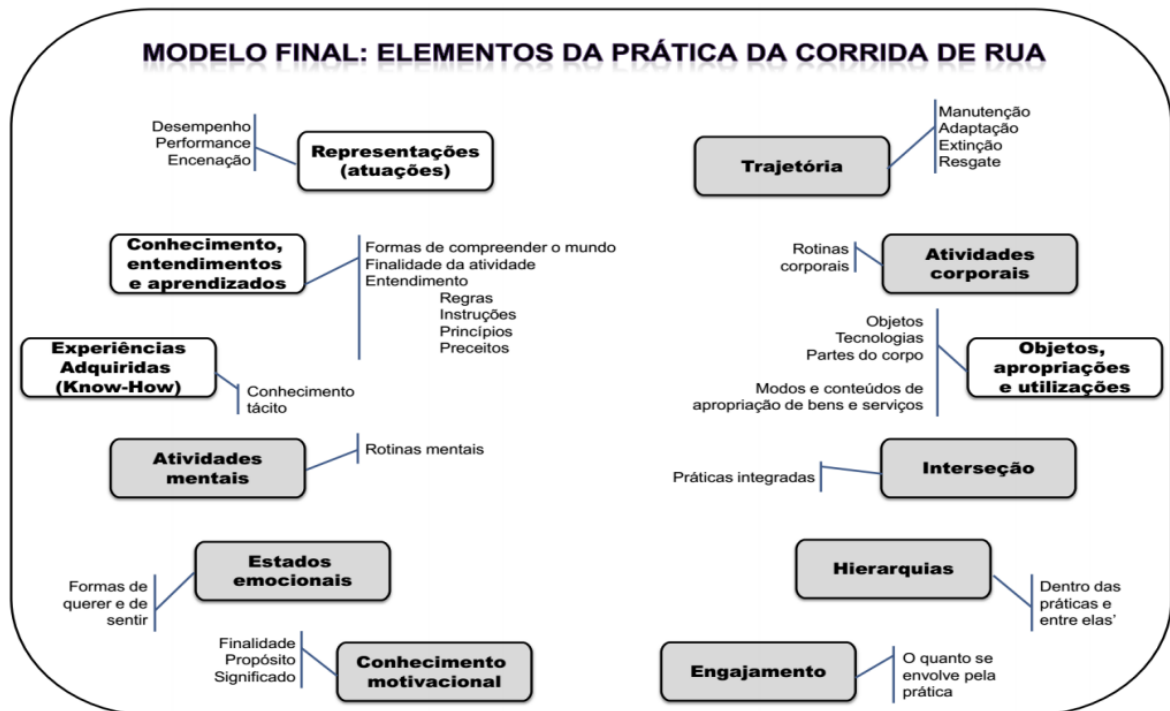
Já a categorização é o processo em que são criadas rubricas ou classes nas quais os recortes são agrupados. Essas categorias devem possuir um título genérico capaz de identificar aquele conjunto que ali foi reunido por algum critério. Também é um processo de diferenciação e reagrupamento por critérios previamente definidos (BARDIN, 2011).

Podendo classificar a categoria por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas segundo MORAES, 1999. No presente artigo, adotou-se a grade fechada ao aplicar o modelo de categorias de análise sugerido por COSTA (2016) que propôs elementos das práticas como categorias de análise.

Para tanto, as categorias foram criadas e analisadas com base em um processo que procurou organizar as mensagens por meio de seu significado. O software utilizado como ferramenta de análise permitiu que os dados fossem facilmente organizados dentro das categorias previamente estabelecidas por COSTA (2016).

Dessa forma, 11 (onze) categorias relativas aos elementos das práticas foram utilizadas, com uma adaptação realizada por meio da união da categoria 'Experiências Adquiridas', com a categoria 'Conhecimento, entendimentos e aprendizados'. Além disso, subcategorias que possuem relação de significado direto com sua respectiva categoria definidos por COSTA (2016), serão apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 2 – Modelo teórico de categorias com base nos elementos da prática



Fonte: COSTA (2016).

Uma vez que se definiu as categorias e identificou-se o material constituinte de cada uma delas encontrado nas transcrições, foi preciso comunicar o resultado logo em seguida, apresentado no capítulo denominado conclusão do presente trabalho. A descrição é o primeiro momento desta comunicação seguindo o raciocínio da análise de conteúdo proposta por MORAES (1999).

Segundo MORAES (1999):

*“O momento da descrição é, sem dúvida, de extrema importância na análise de conteúdo. É o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas.*

A unidades de análise após categorizadas serão descritas e em seguida interpretadas. A interpretação do conteúdo das unidades de análise se configura como um momento importante por ligar-se ao movimento de busca por compreensão.

Após feita a transcrição das entrevistas, foi feita a realização de análise documental e a pré-análise dos textos dos arquivos, assim deu-se início às demais etapas da exploração material e do tratamento dos resultados obtidos e interpretação que serão descritas a seguir conforme o modelo abaixo.

<b>Pré-Análise</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estruturação do roteiro e locais de coleta de dados para as entrevistas</li> <li>• Registro das entrevistas</li> <li>• Organização dos dados</li> <li>• Preparação do material</li> </ul>
<b>Exploração do Material</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transcrição dos áudios das entrevistas</li> <li>• Categorização do conteúdo transcrito <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inventário – identificação de elementos através de leitura flutuante (1º momento grade aberta)</li> <li>• Readequação da categorização de cada elemento identificado</li> </ul> </li> </ul>
<b>Tratamento dos Resultados e Interpretações</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Emissão do relatório através do software</li> <li>• Interpretação das coocorrências</li> <li>• Seleção a partir dos resultados encontrados</li> <li>• Inferências</li> </ul>

Fonte: Do próprio autor (2017)

### **Categorias de Análise**

As aproximações entre os pressupostos da teoria da prática e o objeto de análise foram realizadas por meio da utilização dos elementos das práticas como categorias segundo proposto por COSTA (2016).

O conjunto de significados presentes nos dados resultou na utilização das categorias que serão descritas a seguir juntamente com suas subcategorias para que se compreenda melhor a distribuição das unidades de conteúdo.

### **Conhecimento, entendimentos e aprendizados**

Os entendimentos sobre uma prática possuem uma dinâmica que se completa pelo aprendizado em outras práticas e pelo conhecimento adquirido ao longo da vida (GRAM-HANSEN, 2011; SCHATZKI; CETINA; VONSAVIGNY, 2001).

A categoria engloba as regras, as instruções os preceitos sobre determinada prática. Entretanto, a dinâmica da prática promove o aprendizado constante de aspectos relacionados aos preceitos e formato atual de uma prática.

Já a experiência adquirida (antiga categoria ‘Experiências Adquiridas’, unida à esta) pelo indivíduo é caracterizado por meio de vivências que somadas, colaboram para execução



de certas atividades. O conjunto de práticas que uma pessoa desenvolve é capaz de gerar um corpo de conhecimento não transmitido, embora relevante para a compreensão da constituição de uma prática. Essa prática pode ser específica ou pertencer a um conjunto de práticas que se relaciona por aspectos comuns (COSTA, 2016).

Por exemplo, a forma com a qual uma pessoa lida com tecnologia parece afetar diferentes práticas que tem por característica comum a presença deste conjunto de conhecimento necessário para a sua execução (GRAM-HANSEN, 2011).

As experiências adquiridas podem contribuir para percepções mais apuradas ao se relacionar consumo e desempenho. À medida que se vivencia a prática, a posse de objetos simbólicos no contexto das corridas de rua parece receber novos significados (COSTA, 2016).

Ainda dentro da categoria, encontramos o valor percebido pelos corredores que contam com uma percepção cada vez mais apurada em relação a satisfação, criando assim consumidores com maior conhecimento dos produtos e serviços, segundo Azevedo (2013 apud LAS CASAS, 2007). Já que estamos em uma era de informações cada vez mais acessíveis conforme Kotler e Keller ressaltam:

*Os clientes estão exigindo cada vez mais qualidade e serviço superiores, além de alguma customização. Eles percebem menos diferenças reais entre produtos e mostram menos fidelidade a marcas. Eles também podem obter muitas informações sobre produtos por meio da Internet e de outras fontes, o que permite que comprem de maneira mais racional. Os clientes estão mostrando maior sensibilidade em relação ao preço em sua busca por valor (AZEVEDO, 2013 apud KOTLER, KELLER, 2006, p.48).*

### **Atividades mentais**

As práticas são atividades rotineiras que não podem ser separadas das compreensões de seus executantes. Por mais instrumental que seja uma prática, não se separam as atividades mentais de seu praticante no momento de seu desempenho (COSTA, 2016).

No mesmo sentido, uma atividade essencialmente mental, como o hábito de estudar, não acontece de forma separada das rotinas corporais do momento de estudo. (MORING; LLOYD, 2013). Os autores ressaltam ainda que as atividades mentais complementam o processo de significação das experiências cotidianas.

A rotina de correr por locais abertos e longe das tradicionais academias foi associada a um aspecto interessante das atividades mentais da corrida de rua. Essa prática parece contribuir para o combate a problemas relacionados à mente como depressão, estresse, ansiedade, dentre

outros. A corrida pode proporcionar um processo terapêutico narrado por diversos praticantes em grupos variados (COSTA, 2016).

Segundo COSTA (2016), a corrida de rua como prática desperta estados emocionais positivos em seus adeptos. Porém, os estados emocionais vivenciados pelos corredores de rua serão descritos no próximo tópico. Eles são diferentes das atividades mentais descritas uma vez que essas atividades são processos imateriais com objetivos definidos.

### **Estados emocionais**

Os estados emocionais podem ser caracterizados em um primeiro momento como situações ou variações emocionais relativas ao indivíduo. Entretanto, segundo RECKWITZ (2002), cada prática contém certa especificidade e emotividade característica.

Esses estados emocionais da prática são registrados na forma de conhecimento do indivíduo quando ele experimenta à prática e suas variações. Segundo COSTA (2016) a quantidade de elementos necessários para a compreensão da prática pode contribuir para situar os estados emocionais de praticantes em um cenário conjunto de interpretação. Esse cenário pode contribuir para uma compreensão não isolada dos estados emocionais e, por conseguinte, das práticas e momentos de consumo.

COSTA (2016) cita que o aprendizado proporcionado pelos estados emocionais vivenciados parece extrapolar a prática e agregar em outras rotinas dos indivíduos. Aparenta também fomentar certa motivação para reflexão e possível conhecimento motivacional, próxima categoria a ser compreendida.

### **Conhecimento motivacional**

O comportamento de consumo de um indivíduo compreendido pela abordagem da prática se apropria de um conjunto de elementos que extrapolam as estratificações sócio demográficas, as diferenças de atitudes e as motivações como componentes isolados (WARDE, 2005).

Foi verificado por COSTA (2016) que os praticantes percebem os benefícios da prática de corrida com certa clareza, a título de exemplo e possível ponto de convergência com a categoria encontramos o término do uso de medicamentos, o apoio de amigos e parentes, a alegria de conquistar um objetivo ou superação dos limites e expectativas pessoais.

O conhecimento motivacional pode explicar o grau de envolvimento das pessoas em cada ação desenvolvida em blocos temporais de rotinas. A organização das rotinas aparenta estar associada a questões motivacionais, conforme defendeu WARDE (2005) ao argumentar sobre a importância do conhecimento motivacional da prática explicar a configuração das rotinas das pessoas. Assim sendo, também aparenta colaborar para o início e continuidade das práticas de corrida e as que estão a sua volta.

## **Engajamento**

O engajamento em uma prática diz respeito a quanto um indivíduo está envolvido com os demais elementos que a constitui (COSTA, 2016).

O engajamento está presente nas rotinas de corredores independentemente de sua experiência ou do nível dos objetivos almejados. Entretanto, o esporte aparenta exigir maior atenção no seu período inicial para promover certas adaptações e um engajamento.

Percebe-se que a dedicação dos corredores é proporcionalmente aumentada, à medida que novos planos vão sendo traçados. A complexidade da prática parece aumentar, fato que pode refletir em outros elementos da prática e, por conseguinte, podem modificar os momentos de consumo (COSTA, 2016).

O engajamento pode ser compreendido por uma força que mantém ou direciona hábitos. O direcionamento de hábitos em uma prática indica provocar mudança de hábitos relativos a outras práticas.

Assim como o conhecimento motivacional, os estados emocionais, o engajamento possibilita uma possível influência na configuração da rotina dos indivíduos praticantes. Em paralelo, pode estar relacionado ao consumo e à economia por meio do abandono de rotinas ou da mudança do conjunto de práticas que um indivíduo incorpora (COSTA, 2016).

Além disso, o engajamento na prática da corrida de rua parece estar fortemente associado à forma como estabelecemos hierarquias entre a corrida e outras práticas do cotidiano. Essa associação pode contemplar a compreensão de quanto os demais elementos das práticas associam-se a momentos de consumo (COSTA, 2016).

Entendendo-se o contexto de engajamento, percebe-se que pode haver certa concorrência, certa hierarquia entre práticas. Hierarquia como categoria relacionada à corrida de rua é descrita no próximo tópico.

## **Hierarquias**

As hierarquias das práticas compreendem processos de ordenamento ou organização das atividades desempenhadas por um indivíduo. O indivíduo visto como um portador de práticas (RECKWITZ, 2002), parece optar por um conjunto limitado de práticas em esquemas temporais.

Este conjunto nem sempre é ordenado de maneira estática ou linear (WARDE, 2005). As práticas aparentam constituir um jogo de forças que podem se opor, no caso de hierarquias ou se complementar nas interseções das práticas.

As hierarquias atendem ao critério de concorrência com a prática principal analisada. Já as interseções que serão apresentadas no próximo tópico, demonstraram pontos comuns, elementos de ligação com as corridas de rua.

## **Interseções**

As interseções das práticas se apoiam no conceito do indivíduo como portador de práticas (RECKWITZ, 2002). Algumas práticas presentes nas rotinas dos corredores de rua aparentam colaborar com peculiaridades presentes na prática da corrida de rua, assim como algumas práticas presentes na corrida de rua insinuam contribuir com práticas diversas

Segundo um estudo realizado por COSTA (2016), as corridas de rua foram relacionadas a elementos presentes em outras práticas que constituem as rotinas de seus praticantes. As associações positivas entre as práticas guiaram a inclusão dessas rubricas no grupo das interseções relacionadas à corrida de rua.

De acordo com o mesmo autor, as interseções demonstram uma influência mútua entre as práticas relacionadas.

Um exemplo citado por CARDOSO (2016) é o hábito de ouvir música comum entre corredores de rua, bem como há relatos da existência na internet de listas de músicas específicas para a prática da corrida em diferentes níveis de treinamento. Essas listas também costumam ser distribuídas por meio de aplicativos de celulares.

## **Atividades Corporais**

A corrida de rua como campo empírico possui a particularidade de ser uma prática essencialmente corporal. Outra característica é a essência minimalista de sua prática.

Parte das rotinas corporais da corrida de rua está associada às adaptações climáticas. No estudo realizado por COSTA (2016), foi constatada a preferência, por grande parte dos corredores de rua, por desenvolver a prática ao ar livre o que condiciona ao corpo constantes estados de adaptação às condições climáticas da prática.

Em estudo similar a este produzido também por COSTA (2016) podemos interpretar que as características climáticas de alguns locais podem ser consideradas como atrativos de certas provas. Nesse sentido, as alternativas para a preparação em relação ao clima se reduzem ao treinamento em condições similares buscando-se assim, as adaptações do corpo para a prática.

O treinamento é a principal rotina da prática da corrida de rua. Nesse sentido, todos os elementos. Ele contempla desde as motivações para a prática da corrida de rua até o desempenho final conseguido por meio da atuação do praticante em uma prova. A maior parte das rotinas dos corredores de rua acontece na forma de preparação para atuação nas competições (COSTA, 2016).

Ademais as atuações e representações realizadas pelos praticantes das corridas de rua não somente podem ser reduzidas à competição, disputa ou na tentativa de se destacar sob outros corredores. Nesse contexto, podemos compreender melhor a análise da próxima categoria.

### **Representações (Atuações)**

As práticas possuem entre suas características elementos que não são compreendidos fora de sua totalidade, deslocados da conexão que existe entre seus significados. Entretanto, para que uma atividade possa ser compreendida como uma prática, algumas condições precedem outras.

A característica rotineira das práticas foi apresentada pela pesquisa de COSTA (2016) como condicionante de interpretação. Contudo, as práticas também possuem nas representações, atos performáticos essenciais para sua constituição (HALKIER; KATZGERRO; MARTENS, 2011; MORING; LLOYD, 2013).

As ações performáticas foram traduzidas pela presente pesquisa como representações que caracterizam o praticante como um ator, um representante de seus próprios entendimentos sobre a prática (COSTA, 2016).

Esses entendimentos envolvem a compreensão da trajetória da prática e as modificações que a ação humana vai exercendo na história da constituição de uma rotina. As representações

das práticas, assim como os outros elementos, devem ser analisadas com base no reconhecimento analítico das práticas (HALKIER; JENSEN, 2011).

A título de exemplo prático segundo COSTA (2016) a atuação dos corredores de rua consiste em uma espécie de responsabilidade representativa dos benefícios percebidos pela prática. Nesse sentido, os corredores de rua convidam pessoas e tentam chamar para o universo da prática, as pessoas que não compartilham de suas rotinas.

Os corredores de rua aparentam forte tendência em incentivar pessoas a buscarem a prática. Esta característica foi percebida em fortes coocorrências com os valores universalismo e benevolência presentes na categoria estados emocionais (COSTA, 2016).

A subcategoria “Se comparar/competir com o outro” se apresenta como rotina de uma parcela considerável de corredores. É comum a apresentação de dados resumo dos treinos para título de comparação. Pode-se perceber em conjunto a essa rotina, a presença crescente de produtos e serviços que se moldam a esse interesse dos praticantes para fomentar suas rotinas, dentre eles aplicativos para celulares ou que acompanham os relógios que tem funções como GPS, controle de calorias, batimentos cardíacos, frequência de passadas, altimetria atingida, entre outros.

Esse conjunto de informações representa uma simbologia virtual da atuação dos corredores de rua em provas ou em treinamentos. Entretanto, as formas mais clássicas de símbolos, ainda são encontradas por meio das medalhas, fotografias personalizadas com detalhes dos eventos e as camisas e outras peças que são entregues nos *kits* de inscrição. Algumas medalhas se fundem em peças decorativas que simbolizam o cumprimento de todas as etapas de um ano de um determinado conjunto de eventos.

Entendendo tal raciocínio e relacionando-o com as estratégias de mercado atualmente presentes no mercado, a próxima categoria se encontra descrita e analisada.

### **Objetos, apropriações e utilizações**

Os objetos utilizados para realização de uma prática podem ser considerados como os implementos ou ferramentas necessárias para uma tarefa. Entretanto partes do próprio corpo também são utilizadas em tarefas e constituem elementos das práticas (WARDE, 2005).

A corrida de rua, como objeto de estudo da presente pesquisa, é uma atividade corporal que comporta a utilização de alguns objetos para sua prática. Dentre estes, a contratação de alguns serviços apresenta-se como parte das rotinas dos corredores de rua. As transformações

fisiológicas para o desempenho da prática podem ser obtidas por meio de processos de compra de intangíveis (COSTA, 2016).

Nesse sentido, complementam esta categoria, as apropriações de serviços que podem constituir parte do desenvolvimento de uma tarefa (HUI, 2012). Essa categoria caracteriza as ferramentas necessárias para as práticas, contribui para a compreensão da instrumentalização das rotinas que compreendem uma determinada prática.

Por conseguinte, é uma categoria que demonstrou capacidade de agrupar a relação de produtos e serviços consumidos pelos corredores de rua. Os objetos e apropriações para os teóricos da prática devem ser compreendidos da configuração que eles compõem em conjunto com os demais elementos da prática. Nesse sentido, o consumo permeia as práticas dos indivíduos (RECKWITZ, 2002; SHOVE; PANTZAR, 2005; WARDE, 2005).

Na pesquisa realizada por COSTA (2016), percebeu-se que alguns itens ou serviços adquiridos pelos corredores de rua são questionados por sua eficiência funcional em relação ao desempenho da prática. No mesmo sentido, relatos sobre a percepção de altos preços cobrados por serviços e produtos foram registrados.

Segundo o mesmo autor, a prática pode ser associada a um estado hedônico e contemplativo do simples ato de sair para correr, sendo para uma parcela dos corredores uma atividade simples. Estes mesmos aparentaram certas ações de resistência ao consumo.

Corredores com essas características não seguem planilhas, não contratam professores ou assessorias de corridas. Entretanto, se informam sobre as competições e aspectos relativos à preparação física, mas procuram manter a prática da corrida de rua em um estado mais livre (COSTA, 2016).

Buscando a compreensão de todas as vertentes, o conjunto dos elementos das práticas parece contribuir para a compreensão das formas de consumo como parte das rotinas (COSTA, 2016).

Entretanto, a dinâmica dos elementos da corrida de rua mostrou ter proporcionado mudanças que levaram ao retorno da atividade reconfigurando aspectos de consumo. Segundo WARDE (2005), o consumo é um momento dentro das práticas e deve ser analisado pela compreensão de seus elementos.

Quanto à resistência ao consumo (subcategoria), segundo COSTA (2016), as apropriações, que englobam mais que o momento da compra, formaram em conjunto com

produtos e serviços o rol de subcategorias dessa rubrica. Apropriar-se de um objeto para executar uma rotina, não necessariamente implica em uma compra. Nesse sentido a categoria passou a compreender os processos pelos quais os corredores de rua promovem economias e alternativas para compor suas rotinas de utilização de objetos ou de serviços.

Assim entende-se que o simples ato de se relacionar a algum serviço ou produto que não necessariamente gere custo para o praticante se enquadra nesta categoria também, cabendo ao pesquisador distinguir tais correlações na fase de análise.

Segundo COSTA (2016), os produtos e serviços parecem compor diferentes esquemas de valor em função das percepções dos demais elementos das práticas analisados. Por isso tais itens: ‘produtos’, ‘serviços’ e ‘resistência ao consumo’, são elencados como subcategorias desta categoria, pois se caracterizam como as principais manifestações da realidade dos momentos de consumo vividas pelos praticantes das corridas de rua.

Os corredores, suas práticas e seus elementos, suas rotinas e o consumo podem continuar a ser compreendidos através da categoria trajetória descrita a seguir.

## **Trajétoria**

Segundo o estudo realizado por COSTA (2016), a trajetória apresentada como categoria de análise da pesquisa foi identificada mediante um recorte temporal que pode ser considerado insuficiente para abarcar o conjunto de dados substancial para sua análise.

Entretanto, a apresentação dos dados coletados pode ser relevante para considerações relativas às transformações referentes ao espaço temporal que a pesquisa oportunizou atingir. Outra justificativa que sustenta a apresentação dos dados relativos a categoria são as relações que podem ser encontradas com os demais elementos das práticas.

A trajetória é um elemento capaz de retratar o que tem sido mantido, incorporado ou excluído nas rotinas das práticas (RECKWITZ, 2002).

A corrida de rua possui um entendimento dinâmico que vai sendo constituído pelas percepções e atuações dos seus praticantes (COSTA, 2016).

A trajetória das corridas de rua foi apresentada como a última categoria de análise com o objetivo de posicionar as demais categorias em um contexto. Buscou-se então retratar a dinâmica das configurações das corridas de rua como prática.



Como citado ao início deste capítulo, a partir do próximo tópico podemos compreender como a análise das coocorrências se configuraram. As descrições, realizadas pela presente pesquisa, visaram demonstrar a prática constituída pelos elementos presentes em seus pressupostos teóricos. Os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns (BARDIN, 2011).

### **Análise das Coocorrências**

Com o objetivo de descrever o consumo dos corredores de rua expresso em entrevistas em profundidade por meio da teoria da prática, os elementos das práticas foram interpretados por meio da coocorrência das unidades de registro em unidades de contexto comuns (BARDIN, 2011).

Também, segundo COSTA (2016), as configurações da prática da corrida de rua demonstram vários entendimentos associados ao consumo.

Dessa forma, a análise das coocorrências identificadas no material coletado pode trazer uma compreensão mais frutífera no entendimento de como se dão os momentos de consumo mediante a prática das corridas de rua.

Dando continuidade, os arquivos de texto e imagem obtidos mediante a coleta foram anexados em um *software* denominado *Dedoose* versão 7.6.6, um aplicativo *web* que gerencia, analisa e apresenta dados de pesquisas qualitativas e mistas. Esse software permitiu a classificação dos tipos diferentes de dados por meio de indicadores determinados pelo pesquisador, que neste em específico foram as categorias.

Ao se abrir o software, um arquivo de texto com a entrevista transcrita foi anexado em uma pasta que aglomerava todas as entrevistas. A partir daí se selecionava a entrevista que se pretendia analisar coocorrências e se grifava trechos que correspondiam as categorias citadas a cima. Esta correspondência se dava pela semelhança de intenção das palavras das respostas verbais dos indivíduos. Após a seleção o software fornecia as categorias e o pesquisador selecionava as categorias e subcategorias que se relacionavam com o determinado texto. Correlacionando o texto e a categoria ou subcategoria, e automaticamente agrupando os trechos das entrevistas.

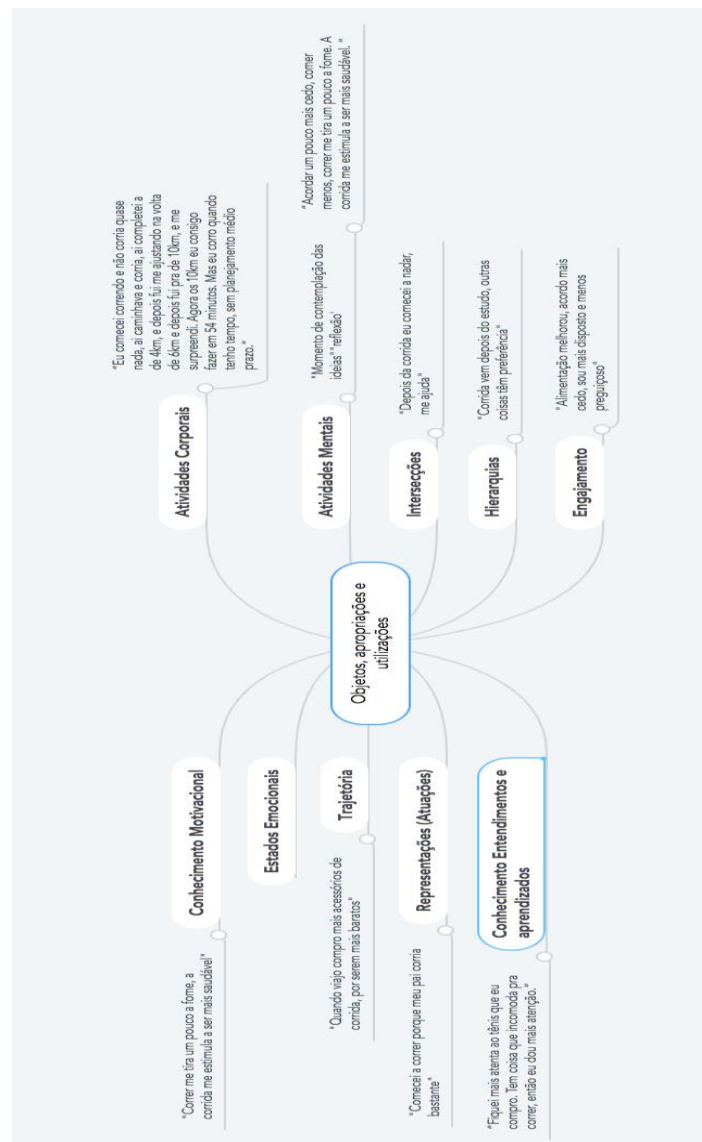
Foi utilizado um esquema de árvore para as categorias. Assim caso o pesquisador relacionasse o trecho a uma subcategoria muito específica, o software indicava que o texto estava imediatamente também relacionado à categoria mãe desta subcategoria selecionada. Sendo possível analisar tanto as subcategorias. E caso essas não fossem suficientes para conclusões, as categorias mãe poderiam ser analisadas.

O material coletado por meio das observações também foi analisado e utilizado como reforço durante a síntese dos resultados encontrados pela presente pesquisa. Os resultados pertinentes à trajetória das análises de conteúdo das fontes de dados utilizadas na presente pesquisa são descritos no próximo capítulo.

## Análise dos Resultados da Coocorrências

No Quadro 2 é proposto um modelo representativo que demonstra os principais achados mediante a análise das coocorrências entre a categoria ligada aos momentos de consumo e as demais 10 categorias que configuram os elementos das práticas propostas por COSTA (2016), juntamente com as subcategorias mais frequentemente mencionadas.

Figura 1 – Modelo Representativo com os principais achados



Fonte: Do próprio Autor (2018).

Este modelo buscou retratar os principais achados através da técnica de análise das coocorrências (BARDIN, 2011). Estes achados mostram a relação que pode ser estabelecida entre os elementos das práticas propostos por COSTA (2016).

Já segundo os dados apresentados na Tabela 1, foram observadas um total de 12 coocorrências entre a categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia), e as demais 10 categorias (Na coluna à esquerda). A quantidade específica de coocorrências em cada categoria é descrita na Tabela 1. As relações que foram identificadas por meio da análise das coocorrências entre as categorias de análise serão explanadas ao longo deste tópico.

Tabela 2 - Resultado do procedimento de análise das coocorrências.

<b>Elementos das práticas</b>	<b>Objetos, apropriações e suas utilizações</b>	<b>Produtos</b>	<b>Serviços</b>	<b>Resistência ao consumo e economia</b>
<b>Atividades Corporais</b>	1	0	1	1
<b>Atividades Mentais</b>	0	0	0	0
<b>Interseção</b>	4	1	3	0
<b>Hierarquias</b>	2	0	2	0
<b>Engajamento</b>	0	0	0	0
<b>Conhecimento Motivacional</b>	2	0	2	0
<b>Estados Emocionais</b>	0	0	0	0
<b>Trajatória</b>	2	1	1	0
<b>Representações (Atuações)</b>	0	0	0	0
<b>Conhecimento, Entendimento e</b>	1	1	0	1

Fonte:Do próprio autor (2017).

A categoria que evidenciou o consumo de produtos e serviços foi a “objetos, apropriações e suas utilizações”. Observou-se que grande parte dos entrevistados consomem serviços ligados à musculação como complemento da preparação para as corridas de rua. O produto mais citado foi o tênis de corrida seguido das roupas esportivas. Serviços ligados a preparação física como treinamento funcional e pilates também foram citados.

A “trajetória” é uma categoria que agrupou a evolução das corridas de rua ao longo do tempo. Nesse sentido destaca-se que os corredores atuais buscam uma vida saudável e a corrida tem um viés ligado à participação de vários tipos de corredores, uma espécie de democratização de acesso que permite uma ampla participação. Ou seja, não só o atleta de alto rendimento participa das provas de rua atualmente. A categoria “representações/atuações” agrupa as características do corredor como protagonista do evento.

A seguir apresenta-se uma análise detalhada de cada coocorrência acompanhada de trechos das entrevistas em profundidade para se compreender melhor cada contexto e análise.

### **Coocorrências com os objetos, apropriações e utilizações**

Sendo a categoria específica relacionada ao consumo de serviços e produtos, optou-se por promover a contagem de sua ocorrência em conjunto com as demais categorias. Ou seja, os elementos das práticas (COSTA, 2016; REZENDE, 2017). Neste sentido, procurou-se descrever por este método como o consumo acontece em consequência das rotinas das pessoas.

A seguir, na tabela 2, descrevem-se os produtos e serviços consumidos pelos entrevistados.

Quadro 3 – Resultados das coocorrências dentro da categoria Objetivos, apropriações e suas utilizações

<b>Categoria principal: Objetos, apropriações e suas utilizações</b>	<b>Ocorrência dos termos</b>
Musculação	11
Treinamento Funcional	4
Resistência ao Consumo e Economia	4
Tênis	3
Assessorias / Treinadores	3
Planilhas	3
Vestuário	3
Horários/Adaptação à rotina	2
Viagens e Turismo	2
Produtos	1
Perder Peso	1
Qualidade de Vida / Saúde	1
Práticas Amadoras	1
Pilates	1
Tecnologias	1
Valor percebido	1
Treinamento Esportivo	1

Fonte: Do próprio Autor (2017).

Um exemplo de trecho de entrevista onde se percebe o consumo como consequência da prática de corrida de rua:

*“não muito, eu sou bem de boa, corro com o fone de ouvido normal, eu corro com um tênis que comprei 8 anos atrás. Tenho poucas coisas e odeio gastar dinheiro com roupa de malhar, tenho 5 camisetas e 4 bermudas e vou revezando.” (Entrevista 5)*

### **Coocorrências com as atividades corporais**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ e a categoria “Atividades Corporais”, se deram por meio da relação entre a subcategoria “Treinamento Esportivo” e “Preparação Física e Prevenção”. Um exemplo da coocorrência na categoria atividades corporais se apresenta a seguir:

*“Eu comecei correndo e não corria quase nada, aí caminhava e corria, aí completei a de 4km, e depois fui me ajustando na volta de 6km e depois fui pra de 10km, e me surpreendi. Agora os 10km eu consigo fazer em 54 minutos. Mas eu corro quando tenho tempo, sem planejamento médio prazo.” (Entrevista 5)*

### **Coocorrências com as atividades mentais**

Os corredores de rua manifestaram frequentemente a busca por novos cenários para sua prática. Destacaram ainda que, as corridas de rua disputadas sempre nos mesmos locais passam a ficar enfadonhas. Essa rubrica aproxima-se de outras, uma vez que corredores buscam diferentes locais para disputarem suas provas (COSTA, 2016).

Para complementar raciocínio trazido por COSTA (2016), encontra-se a manifestação dos interesses dos corredores por relações da prática com atividades mentais diversas, assim como nos trechos a seguir.

*“Eu gosto muito, tenho muito prazer em caminhar. Eu preciso, não só pela questão física, mas pela questão emocional. Um momento de contemplação das ideias, dar uma refrescada. O contato com a natureza me ajuda.” (Entrevista 1)*

### **Coocorrências com conhecimento, entendimentos e aprendizados**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria “Conhecimentos, Entendimentos e Aprendizados”, se deram principalmente por meio do interesse pela prática e

o consumo que a rodeia advindo de experiências passadas por terceiros e o interesse destes repassados através do conhecimento e aconselhamento. Nestes trechos trazidos como exemplos podemos compreender melhor.

*“Fiquei mais atenta ao tênis que eu compro. Tem coisa que incomoda pra correr, então eu dou mais atenção;” (Entrevista 6)*

*“Evoluiu pouco, mas evoluiu porque eu pretendo buscar o acompanhamento de um profissional.” (Entrevista 4)*

*“Tem alguns planos de corrida que o próprio garmin faz, e então eu tenho seguido os planos que ele sugere. Mas nada muito planejado, quando eu tô alguns dias sem correr, eu faço 5 km com o início mais lento. Aqui no parque judia, tem muita subida e descida. Na subida a pulsação vai muito lá em cima.” (Entrevista 3)*

*“Eu corro um dia sim e um dia não, corro 30 minutos, as vezes faço estímulos rápidos e lentos, geralmente no final de semana eu corro mais tempo. Eu corro só porque gosto mesmo.” (Entrevista 7)*

*“Acho que é uma questão de costume. Meu namorado consegue correr melhor que eu porque ele já jogou bola. Então ele já tem esse condicionamento físico de quando ele jogava bola. É tudo treinamento, mas é difícil.” (Entrevista 9)*

### **Coocorrências com as representações e atuações**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Representações (atuações), se deram por meio da relação entre a subcategoria ‘Se comparar/competir com o outro’ e a demonstração por parte dos corredores dos resultados obtidos em seus treinos e/ou provas por meio de *feedbacks* disponibilizados pelos aplicativos.

*“Não muito, meu pai é corredor ele lê, comenta, mas não é um interesse meu, interno.” (Entrevista 4)*

*“Comecei a correr porque meu pai corria bastante. Eu comecei a correr depois que eu voltei do intercâmbio e estava 8 kg mais gorda. Depois que comecei, gostei e continuei porque me ajudou.” (Entrevista 4)*

*“Mando no grupo do whats app. Pros amigos, pros familiares, compartilho nas redes sociais minhas experiências.” (Entrevista 5)*

*“Eu só admiro quem corre muito porque eu não corro quase nada.” (Entrevista 6)*

### **Coocorrências com o conhecimento motivacional**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias:

produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Conhecimento Motivacional, se deram por meio da relação entre a subcategoria “Atividades Mentais” e a constatação do conhecimento adquirido do público e os motivos que orientam sua prática a partir de tais conhecimentos. Podendo-se compreender melhor a partir dos trechos a seguir, retirado das entrevistas de profundidade.

*“Alimentação, eu era sedentário e comia muito mal. Aí comecei a malhar e correr.”  
(Entrevista 5)*

*“Acordar um pouco mais cedo, comer menos, correr me tira um pouco a fome. A corrida me estimula a ser mais saudável.” (Entrevista 4)*

*“O corpo faz parte de quem é você. Existe o lado exagerado, mas eu não gosto porque é muito extrema essa ideia. Mas antigamente eu via um gordinho correndo e ria, hoje eu vejo alguém correndo e valorizo essa prática, falo “Que bom que essa pessoa está correndo, está se cuidando”. Respeito os atletas porque sei do esforço para treinar.” (Entrevista 4)*

### **Coocorrências com o engajamento**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria Engajamento, se deram também por meio da relação entre as subcategorias “Disciplina, determinação, persistência” e “Mudança de Hábitos”, sendo identificado vínculo do praticante seguido de tal engajamento. Podendo-se compreender melhor a partir dos trechos a seguir, retirado das entrevistas de profundidade.

*“Meus ciclos mudaram, os bares diminuíram bastante porque era praticamente todo dia. Diminui a quantidade de bebidas alcoólicas e frituras.” (Entrevista 4)*

*“Alimentação melhorou, acordo mais cedo, sou mais disposto, menos preguiçoso.”  
(Entrevista 7)*

### **Coocorrências com as hierarquias**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria hierarquias, se deram também por meio da relação entre as subcategorias “Horários/Adaptação à rotina” e “Concorrência c/ outras práticas”. Onde podemos observar certa prioridade para outras atividades dentro das rotinas dos praticantes, porém o perceptivo valor da prática da corrida em sua rotina e suas práticas, como se explicita nos trechos das entrevistas a seguir.

*“Não não, eu corro, mas é mais hobby, nada muito programado.” (Entrevista 5)*

*“Corrida vem depois de estudo. Outras coisas têm preferência. Corro mais finais de semana.” (Entrevista 5)*

*“Trabalho, estudo, academia e corrida.” (Entrevista 6)*

*“Depende do momento da minha vida, eu nunca deixo de caminhada. Se a vida está muito atarefada eu diminuo as caminhadas. Sempre que tenho oportunidade eu caminho, mas não sou certinha.” (Entrevista 1)*

### **Coocorrências com a trajetória**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria “Trajetórias”, se deram também por meio da relação entre as subcategorias “Valor percebido”, “Valores”, “Outros Esportes”, “Práticas Amadoras” e “Interseção”. Podendo-se compreender a trajetória de práticas, com atividades cotidianas, culturais e sociais, nos trechos a seguir que trazem forte coocorrência com a categoria.

*“Alguns tênis começaram a mudar, comecei a ter mais tênis de corrida do que outros tênis. Quando viajo compro mais acessórios de corrida por ser mais barato e aqui é um absurdo.” (Entrevista 3)*

*“O corpo faz parte de quem é você. Existe o lado exagerado, mas eu não gosto porque é muito extrema essa ideia. Mas antigamente eu via um gordinho correndo e ria, hoje eu vejo alguém correndo e valorizo essa prática, falo “Que bom que essa pessoa está correndo, está se cuidando”. Respeito os atletas porque sei do esforço para treinar.” (Entrevista 4)*

*“Tenho amigos próximos que correm, corrida do Oba, e corridas famosas, estou em contato.” (Entrevista 1)*

### **Coocorrências com as interseções**

As relações de coocorrência entre os momentos de consumo, representados pela categoria ‘Objetos, apropriações e suas utilizações’ (juntamente com suas subcategorias: produtos, serviços e resistência ao consumo e economia) e a categoria “interseções”. Podendo-se observar tal categoria quando atividades complementares se iniciam ou se complementam consciente ou inconscientemente da perspectiva do praticante. O trecho a seguir traz a exposição de uma interseção entre práticas.

*“Depois da corrida eu comecei a nadar, na natação eu tenho mais resistência e isso me ajuda.” (Entrevista 6)*



## **Coocorrências com a categoria estados mentais**

Segundo COSTA (2016), a prática da corrida de rua desperta estados emocionais em sua maioria positivos.’

Por exemplo, a alegria e a felicidade vividas após completar uma prova, superar um limite, vencer um desafio foi um tipo de estado emocional citado em diversos momentos e observado em grande parte das corridas. Esse elemento parece contrabalançar a ausência de entendimento dos não corredores presente em algumas relações sociais dos corredores.

*“Eu gosto muito, tenho muito prazer em caminhar. Eu preciso, não só pela questão física, mas pela questão emocional. Um momento de contemplação das ideias, dar uma refrescada. O contato com a natureza me ajuda.” (Entrevista 1)*

*“Sim, saúde com certeza, até a auto estima subiu bastante. Me ajuda no dia a dia.” (Entrevista 5)*

*“Desestressa, só isso” (Entrevista 7)*

## **Discussão**

Esperava-se que o consumo em sua forma mais tradicional relativa a compra ou posse de bens ficasse evidenciada pela categoria “objetos, apropriações e suas utilizações”. Neste sentido buscou-se ajustar esta categoria como um pivô pela qual foram buscadas as coocorrências com as demais categorias preestabelecidas nesta pesquisa.

Essa ação foi conduzida no sentido de explicar as rotinas presentes nas corridas de rua por meio dos elementos da prática dispostos na teoria e propostos por COSTA (2016). Evidencia-se assim a complexidade de significados e ações cotidianas presentes na prática da corrida de rua. Os momentos de consumo ficaram demonstrados por meio das categorias e suas nuances evidenciadas no sentido de explicar que ao engajar-se em uma prática o indivíduo passa a repetir sistematizações diversas relacionadas a ela.

Observou-se que grande parte dos entrevistados consomem os serviços ligados à musculação como complemento da preparação para as corridas de rua. O produto mais citado foi o tênis de corrida seguido das roupas esportivas. Serviços ligados a preparação física como treinamento funcional e pilates também foram citados. A “trajetória” é uma categoria que agrupou a evolução das corridas de rua ao longo do tempo.

Nesse sentido destaca-se que os corredores atuais buscam uma vida saudável e a corrida tem um viés ligado à participação de vários tipos de corredores, uma espécie de democratização de acesso que permite uma ampla participação. Ou seja, um único evento reúne diversos perfis

de atletas e praticantes amadores com rotinas e perfis de prática diversos que acabam por resultar em momentos de consumo variados.

### **Considerações Finais**

O uso da teoria das práticas como base teórica para a construção deste estudo, se mostrou um instrumento para a análise das relações ocorridas entre as práticas pertinentes à modalidade da corrida de rua e os momentos de consumo gerados por elas. Diversos momentos de consumo foram observados durante as entrevistas, e a análise de conteúdo por meio da técnica das coocorrências como forma de análise dos dados, tornou possível a compreensão de como ocorrem esses momentos com o decorrer das práticas.

A corrida de rua parece compor um importante núcleo de rotinas dentro das agendas de seus praticantes. Os corredores agregam elementos em seu cotidiano em função desta atividade que se comportou como o núcleo de rotinas que visam complementá-la. Ou seja, a corrida de rua se mostra como um núcleo de rotinas que levam a momentos de consumo. A compra do tênis, a prática de atividades complementares como a musculação, o pilates e o treinamento funcional se apresentam como rotinas complementares da preparação e participação em provas de corridas de rua.

No mesmo sentido, as rotinas de atuação nas corridas parecem compor um grande universo virtual de postagens de fotos e esquemas de treinamentos. Estas postagens levam os corredores a posição de atores como protagonistas de histórias carregadas de significados que podem contribuir para o entendimento do consumo que permeia as corridas de rua.

Espera-se que essas categorias, possam nortear o entendimento da complexidade deste esporte e subsidiar decisões mercadológicas, como campanhas de divulgação de eventos, produtos e serviços. Bem como, possa ilustrar o perfil variado dos praticantes deste esporte para que os profissionais que trabalham com este público, possam compreender que todos são corredores de rua, mas possuem particularidades bem definidas, quanto a objetivos, preparação performance, significados e atuações.

## Referências

ARAUJO, L.; KJELLBERG, H.; SPENCER, R. **Market practices and forms: introduction to the special issue.** *Marketing Theory*, v. 8, n. 1, p. 5–14, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 281 p.

BORELLI, F. C. **A Practice Theory e o Estudo do Consumo: Reforçando o Chamado de Alan WARDE.** V EMA - Encontro de Marketing da ANPAD, p. 1–11, 2012.

BUGGE, A. B.; ALMAS, R. **Domestic dinner: Representations and practices of a proper meal among young suburban mothers.** *Journal of Consumer Culture*, v. 6, n. 2, p. 203–228, 2006.

CARPANEZ, JULIANA. **Me dê motivos.** TAB UOL, 2017. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/corrida-de-rua/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

CORPORE. **Corredores Paulistas Reunidos.** Disponível em: <[http://www.corpore.org.br/cor\\_estatisticas.asp](http://www.corpore.org.br/cor_estatisticas.asp)>. Acesso em: 25/4/2016.

COSTA, P, AMÉRICO: **O comportamento de consumo do corredor de rua: uma visão baseada na teoria da prática,** 2016.

CRIVITS, M.; PAREDIS, E. **Designing an explanatory practice framework: Local food systems as a case.** *Journal of Consumer Culture*, v. 13, n. 3, p. 306–336, 2013.

FONSECA, Z, THIAGO: **Corrida de rua: o aumento do número de praticantes migrando para maratonas,** 2012.

GRAM-HANSSSEN, K. **Understanding change and continuity in residential energy consumption.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 11, n. 1, p. 61-78, Mar. 2011.

HALKIER, B.; JENSEN, I. **Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study on handling nutritional contestations of food consumption.** *Journal of Consumer Culture*, v. 11, n. 1, p. 101–123, 2011.

HALKIER, B.; KATZ-GERRO, T.; MARTENS, L. **Applying practice theory to the study of consumption: theoretical and methodological considerations.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 11, n. 1, p. 3-13, Mar. 2011.

HAND, M.; SHOVE, E. **Condensing Practices: Ways of living with a freezer.** *Journal of Consumer Culture*, v. 7, n. 1, p. 79–104, 2007.

HUI, A. **Things in motion, things in practices: how mobile practice networks facilitate the travel and use of leisure objects.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 12, n. 2, p. 195-215, June 2012.

KNUTH, Alan Goularte. **Prática de atividade física e sedentarismo em brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – 2008.**

LIMA, J.B. **Pesquisa Qualitativa e qualidade na produção científica em administração de empresas.** In: XXIII ENANPAD, Anais... Foz do Iguaçu, 1999.

MAGAUDA, P. **When materiality “bites back”: Digital music consumption practices in the age of dematerialization.** *Journal of Consumer Culture*, v. 11, n. 1, p. 15–36, 2011.

MORAES, ROQUE. **Análise de conteúdo.** *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORING, C.; LLOYD, A. **Analytical implications of using practice theory in workplace information literacy research.** *Information Research*, Lund, v. 18, n. 3, p. 1-12, Sept. 2013.

PAZIN, Joris. Et al. **Corredores de rua: características demográficas, treinamento e prevalência de lesões.** *Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum.* 2008;10(3):277-282.

PLESSZ, M. et al. **How consumption prescriptions affect food practices: assessing the roles of household resources and life-course events.** *Journal of Consumer Culture*, Washington, v. 16, n. 1, p. 101-123, Mar. 2016. 2014

RECKWITZ, A. **Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing.** *European Journal of Social Theory*, London, v. 5, n. 2, p. 243-263, May 2002

RIBEIRO, C.; LOVISOLO, H. **Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil.** *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, v. 27, n. 3, p. 401–410, 2013.

ROSA, JANE PETRY DA. **CORRIDAS DE RUA: APRENDIZAGENS NO TEMPO PRESENTE.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2013.

SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; VONSAVIGNY, E. **The practice turn in contemporary theory**. 1. ed. London: Routledge, 2001.

SANTOS, JOÃO FRANCISCO SEVERO. **Atividade física e dor psicossomática**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 73 - Junio de 2004.

SHOVE, E. **Consumers, Producers and Practices: Understanding the invention and reinvention of Nordic walking**. Journal of Consumer Culture, v. 5, n. 1, p. 43–64, 1 mar. 2005.

SHOVE, E.; PANTZAR, M. **Consumers, producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic walking**. Journal of Consumer Culture, Washington, v. 5, n. 1, p. 43-64, Mar. 2005.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. **Metade dos brasileiros não pratica atividade física, aponta pesquisa da SBC**. Ceará, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/6wVgs5>. Acesso em: 02 março 2013

TRUCCOLO, A.; MADURO, P.; FEIJÓ, E. **Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida**. Motriz, Rio Claro, v. 14, n. 2, p. 108–114, abr./jun., 2008.

TRUNINGER, M. **Cooking with Bimby in a moment of recruitment: Exploring conventions and practice perspectives**. Journal of Consumer Culture, v. 11, n. 1, p. 37–59, 2011.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2nd ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WARDE, A. **Consumption and theories of practice**. Journal of consumer culture, v. 5, n. 2, p. 131–153, 2005.

WATSON, M.; SHOVE, E. **Product, Competence, Project and Practice: DIY and the dynamics of craft consumption**. Journal of Consumer Culture, v. 8As such, n. 1, p. 69–89, 2008.

## Apêndices

### **Carta de Apresentação de Pesquisa**

*Prezado(a) Senhor(a)*

Apresentamos o projeto de pesquisa “Corredores de rua, consumo e teoria da prática”, sob a responsabilidade do pesquisador Américo Pierangeli COSTA. O projeto será conduzido por meio de análises em revistas especializadas e grupo específico em rede social bem como por meio de grupos de foco e entrevistas realizadas com corredores de rua e pessoas próximas a eles. O objetivo desta pesquisa é compreender o consumo dos corredores de cura de rua a partir das práticas cotidianas de quem inicia e permanece neste tipo de atividade física.

A participação de seu grupo de corrida se dará por meio de grupo de foco que é uma entrevista conduzida pelo pesquisador junto a um grupo de pessoas que debatem as questões colocadas por ele. A conversa do grupo é gravada para fins de transcrição do material possibilitando sua análise. Cabe ressaltar que não há respostas certas ou erradas e que em nenhum momento haverá identificação do respondente ou de empresas, marcas ou prestadores de serviços que por ventura possam ser mencionados. O tempo estimado para realização do grupo de foco é de 30 minutos. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão do consumo dos corredores de rua com base em uma nova teoria que tem por elemento central as práticas cotidianas.

A presente pesquisa apresenta o risco de desconforto ou constrangimento que o respondente pode sentir ao responder e compartilhar informações pessoais ou confidenciais sob alguns tópicos que possam ser abordados. O voluntário desta pesquisa poderá se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para ele ou para o grupo.

A participação nesta pesquisa é voluntária, isto é, não há pagamento por colaboração. Como a realização da entrevista acontece em locais da rotina diária dos voluntários, o pesquisador é quem se deslocará para que a pesquisa aconteça.

Os resultados da pesquisa serão divulgados aos grupos colaboradores e na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Américo Pierangeli Costa, na Universidade de Brasília no telefones (61)3107-2554 e (61)9180-6980, disponível inclusive para ligação a cobrar. Ou caso queira pode utilizar o e-mail [pierangeli@unb.br](mailto:pierangeli@unb.br).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília sob o registro CAAE 55505616.0.0000.0030.

Nossa equipe é constituída pelo Prof. Américo Pierangeli Costa e pelo(s) estudante(s) Igor Manoel Medeiros Terra.

Pesquisador Responsável

**Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa**

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “Corredores de rua, consumo e teoria da prática”, sob responsabilidade de Américo Pierangeli COSTA vinculado(a) ao Projeto de Iniciação Científica da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferência acadêmicas e/ou profissionais, em artigos e literatura acadêmico-científica gerada pelo projeto de pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

---

Assinatura do(a) participante

---

Américo Pierangeli COSTA

## **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Entrevista)**

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “Corredores de rua, consumo e teoria da prática”, sob a responsabilidade do pesquisador Américo Pierangeli Costa. O projeto será conduzido por meio de análises em revistas especializadas e grupo específico em rede social, bem como, por meio de grupos de foco e entrevistas realizadas com corredores de rua e pessoas próximas a eles.

O objetivo desta pesquisa é compreender o consumo dos corredores de rua a partir das práticas cotidianas de quem inicia e permanece neste tipo de atividade física.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários, antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de uma entrevista conduzida pelo pesquisador. A conversa será gravada para fins de transcrição do material possibilitando sua análise. Cabe ressaltar que não há respostas certas ou erradas e que em nenhum momento haverá identificação do respondente ou de empresas, marcas ou prestadores de serviços que por ventura possam ser mencionados. O tempo estimado para realização da entrevista é de 30 minutos. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão do consumo dos corredores de rua com base em uma nova teoria que tem por elemento central as práticas cotidianas.

Toda pesquisa realizada com seres humanos envolve riscos de tipos e gradações variados. Na presente pesquisa sua participação envolve o risco de desconforto ou constrangimento ao responder e compartilhar informações pessoais ou confidenciais sob alguns tópicos que possam ser abordados. O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração. Como a realização da entrevista acontece em locais de sua rotina diária, o pesquisador é quem se deslocará para que a pesquisa aconteça. Nesse sentido, a pesquisa não implica em despesas de deslocamento ou de outra natureza por parte do(a) voluntário(a).

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Américo Pierangeli Costa, na Universidade de Brasília no telefones (61)3107-2554 e (61)9180-6980, disponível inclusive para ligação a cobrar. Ou caso queira pode utilizar o e-mail [pierangeli@unb.br](mailto:pierangeli@unb.br).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail [cepfs@unb.br](mailto:cepfs@unb.br) ou [cepfsunb@gmail.com](mailto:cepfsunb@gmail.com), horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

---

Nome / assinatura

---

Pesquisador Responsável